

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

Resignificando As Práticas De Consumo: As Feiras Agroecológicas Do Agreste Da Borborema – PB

Ângela Maria Cavalcanti Ramalho¹

Jaqueline Guimarães Santos²

Sandra Sereide Ferreira da Silva³

Resumo

A pesquisa teve como objetivo analisar a representação social dos consumidores e comerciantes das Feiras Agroecológicas de Lagoa Seca e Campina Grande-PB, buscando entender a lógica do consumidor na escolha dos produtos e o entendimento do que significa consumir produtos sem agrotóxicos, contribuindo para práticas de consumo sustentável. A lógica do consumidor analisada através das representações sociais traz a possibilidade de esclarecer motivos, significados, razões e outras experiências subjetivadas. Desse modo, o estudo utiliza como estratégia de pesquisa as experiências de certificação participativa desenvolvidas por agricultores nas Feiras Agroecológicas de Lagoa Seca/PB, que surge em meio a uma articulação, envolvendo produtores rurais, entidades sindicais em parcerias com movimentos sociais rurais e entidades governamentais e não-governamentais, constituindo um cenário específico para uma agricultura sustentável. A metodologia da pesquisa se configurou como um estudo de caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, que utilizou a abordagem teórica das representações sociais, para compreender os significados dos atores sociais nas práticas de consumo de produtos agroecológicos. Os resultados obtidos apontam que as práticas de consumo dos produtos agroecológicos na lógica dos consumidores e dos feirantes estão atreladas a um processo que associa significados sociais, ambientais e nutricionais. A consideração parcial evidencia que os produtores buscam autonomia econômica, social e ambiental pela adoção de novas práticas de consumo, contribuindo para diminuir a problemática ambiental e para a organização dos produtores rurais através da construção de um novo fazer político.

Palavras-chave: Consumo; Representação Social; Feiras Agroecológicas

¹Doutoranda em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
angelaramalho@oi.com.br

²Graduanda em Administração pela Universidade Federal Campina Grande (UFCG) e pesquisadora do GEGIT. jsantos.adm@gmail.com

³Mestre em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
sandrasereide@yahoo.com.br

1. Introdução

O consumo enquanto fenômeno social tem instigado inquietações sobre as condições socioculturais que exercem influências nos significados atribuídos as práticas de consumo. Nesse sentido, considera-se relevante o debate que evidencia o processo de formação dos significados relacionados ao consumo, tomando como base a lógica do consumidor, buscando entender como o sujeito se liga ao objeto e expressa suas opções por um determinado produto. Considerando que os significados sociais são relevantes porque o homem é um ser social e o consumo é resultante de uma significação sociocultural. Nessa perspectiva, o estudo tem como objetivo analisar a representação social dos consumidores e feirantes/consumidores das feiras agroecológicas de Lagoa Seca e Campina Grande-PB, buscando entender a lógica do consumidor na escolha dos produtos e o entendimento do que significa consumir produtos sem agrotóxicos, contribuindo para práticas de consumo sustentável. Elucidando que a lógica do consumidor é analisada através do arcabouço teórico das representações sociais que traz a possibilidade de esclarecer motivos, significados, razões e outras experiências subjetivadas vinculadas a contextos sociais do consumidor levando-o a consumir determinado produto.

As representações sociais são um sistema (ou sistemas) de interpretação da realidade, que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orientam suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhe interiorizar as experiências, as práticas sociais e os modelos de conduta ao mesmo tempo em que constrói e se apropria de objetos socializados. Elas são construídas coletivamente e influenciam nossas práticas sociais, funcionam como um sistema de interpretação da realidade que conduz as relações dos indivíduos com seu meio físico e social, o qual vai determinar seus comportamentos e suas práticas (MOSCOVICI, 2003),

A relevância sociológica do estudo das representações sociais está no fato de que elas fundamentam práticas e atitudes dos atores, uns em relação aos outros, ao contexto social e àquilo que lhes acontece. São guias comportamentais, configurando o ambiente para torná-lo propício ao desenrolar das atitudes emprestando sentido ao comportamento de forma a integrá-lo a uma rede de relações.

Assim, considerando o consumo como uma dimensão do relacionamento social, fica evidente que o ato de consumir não pode ser explicado apenas pelo viés da lógica racional, que se resumem ao ato de comprar, usar o produto e depois descartá-lo, mais está também agregado a um processo que associa significado sociocultural ao produto.

2. A Representação Social e o Consumo

A perspectiva de discutir a teoria das representações sociais e o consumo permite elucidar que o discurso acadêmico começa a ser deslocado do campo da racionalidade econômica, para uma nova ordem simbólica, a noção de representação como mediação da ordem simbólica é centralizada nas várias perspectivas teórico-metodológicas que se debruçam sobre o contexto social.

Portanto, a idéia de representação social é um recorte significativo nos estudos sobre o consumo, visto que lança uma problemática sobre como se constrói o mundo. As representações sociais situam-se na interface do sociocultural, podendo ser entendidas como formas de conhecimentos elaborados e compartilhados socialmente que contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a compreensão e a comunicação do sujeito no mundo (JODELET, 2004).

Sendo assim, entende-se que as representações sociais estão vinculadas a valores, noções e práticas individuais que orientam as condutas no cotidiano das relações sociais e se manifestam através de estereótipos, sentimentos, atitudes, palavras, frases e expressões. Sendo um conhecimento socialmente construído e partilhado.

As representações sociais são ao mesmo tempo individuais e sociais, os pronunciamentos semelhantes e revela certo nível de generalização, uma forma de pensar coletiva sobre um mesmo assunto. Isto denota o dinamismo das representações sociais e sua potencialidade para criar e transformar a realidade social

A partir dessa perspectiva, tomando como pressuposto que as representações sociais se constroem no cotidiano e orientam as ações dos sujeitos sociais, configurando o ambiente para torná-lo propício o desenrolar das atitudes emprestando sentido ao comportamento de forma a integrá-lo a uma rede de relações, com capacidade de transformar a realidade social. Evidencia-se que as representações sociais dos sujeitos que freqüentam as feiras agroecológicas vai orientá-los no sentido de adotar novas práticas de consumo com capacidade de transforma a realidade socioambiental.

Nesse sentido, as feiras se configuram como espaços e redes de relações que estimulam uma nova cultura de participação política dos produtores engajados nos movimentos sociais, a partir das experiências compartilhadas com o grupo social no qual o sujeito está inserido, além da vivência da vida pessoal, instigando a reflexão sobre a problemática ambiental contemporânea, contribuindo para uma maior visibilidade política.

Assim, para além da análise nutricional, sanitária, simbólica, social e histórica, uma dimensão [...] política e ideológica relaciona a escolhas alimentares, os locais e as forma de aquisição e preparo dos alimentos, à preservação ambiental, ao desenvolvimento rural sustentável e à solidariedade com os produtores. Ao serem associadas a responsabilidades ambientais e sociais as escolhas alimentares saem da esfera privada das preferências individuais, hábitos culturais, para ingressar na esfera coletiva, e ganha uma dimensão ética e política que busca assumir responsabilidade sobre as conseqüências socioambientais (PORTILHO, 2008).

Pontuando ainda, que no caso estudado as novas práticas de consumo são respostas individuais e coletivas, resultante de reflexões e manifestações dos movimentos sociais de agricultura agroecológica que organizam as feiras agroecológicas, a partir de uma perspectiva política e ideológica na busca de uma cidadania emancipada. Vislumbrando o consumo como uma prática política que incorpora a preocupação e a responsabilidade em prol do meio ambiente. Para Canclini (1996) o consumo enquanto ação política é uma maneira de materializar e tornar público valores e preocupações ambientais e sociais através do que tem sido denominado de “ambientalização e politização do consumo”.

Desse modo, considerando que o estudo objetiva entender a lógica do consumidor na escolha dos produtos e o entendimento do que significa consumir produtos sem agrotóxicos, contribuindo para práticas de consumo sustentável, identificando como os consumidores vêem o consumo dos produtos agroecológicos, um do modo de buscar esses significados junto aos consumidores é analisar as representações e estórias sobre os produtos e seu consumo. Pois, o conteúdo compõe estruturas primárias através do qual os indivíduos elaboram e concebem o mundo.

Portanto, estabelecer uma conexão entre as representações sociais e as práticas de consumo implica em pensar na concepção da natureza humana. Natureza esta que não se dá apenas por uma determinação biológica, mas também por uma construção social, histórica e cultural. Portanto, uma relação de natureza assimétrica que se realiza culturalmente, por ideologias que tomam formas específicas em um dado momento histórico. Nesse processo de interação entre a ação e as reflexões, as representações sociais modificam as práticas sociais e são modificadas pelas mesmas

De fato alguns estudos indicam que como os produtos possuem significados diferentes para pessoa diferentes, entender as formas variantes de interpretação do consumidor sobre o produto é relevante para estudos acadêmicos. A análise sobre o consumo, nessa perspectiva, indica que sua dinâmica deve ser entendida dentro de um esquema que

considera os significados simbólicos a partir da interação social que os indivíduos estabelecem com os outros.

Assim, consumir produtos agroecológicos afeta as relações sociais, pois faz parte da construção da identidade do consumidor refletindo os padrões sociais, influenciando no ambiente familiar na categorização de produtos consumidos, acontece um caminho de mútua influência no seio familiar. Portanto, é importante compreender o consumo como um processo dinâmico que atravessa universos culturais de diferentes grupos, com influências mútuas, assimilação e renegociação de significados.

Pontua-se que o consumo está aqui entendido como inscrito em uma realidade social que privilegia a perspectiva ligada à renda, à própria história do consumidor e do consumidor/feirante, ao local de origem, à profissão, à região em que mora, ao estilo de vida, em uma rede de relacionamentos sociais com inter-relações que podem se estender.

3. A Interface: agroecologia, feiras agroecológicas e as práticas de consumo

A agroecologia, respeitando a diversidade ecológica e sociocultural e, portanto, outras formas de conhecimento propugnam pela necessidade de gerar um conhecimento holístico, sistêmico, contextualizado, subjetivo e pluralista, nascido a partir de culturas locais. Capaz de contribuir para o desempenho de estratégias de desenvolvimento rural sustentável, dando ênfase a elementos que podem ser utilizados como orientadores para as ações. A partir do desenvolvimento local destaca-se a necessidade de construção e reconstrução desse conhecimento.

Portanto, a agroecologia se constitui como campo de conhecimentos que proporciona as bases científicas para apoiar o processo de transição do modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis, assim como do modelo convencional de desenvolvimento a processos co-evolutivos rumo à sustentabilidade em ambientes campestres.

Todavia, esse fato nos revela que como contraponto a modernização agrícola, torna-se necessário o manejo adequado das áreas de produção agrícola, sobretudo na adoção de uma ética ecológica e política ampla, evidenciando os demais ecossistemas como um imbricamento funcional de equilíbrio energético sendo devidamente respeitado, fortalecendo as áreas agroecossistêmicas. Todavia, tanto a alimentação como o equilíbrio dos ecossistemas naturais são relações de extremas fragilidades em função da sua forte

interdependência e do afastamento dos valores humanos no tecido social em que se configuram estas mesmas relações.

Para Caporal e Costabeber (2002, p. 2), os agroecossistemas se constituem como unidades fundamentais para o estudo e planejamento das intervenções humanas em prol do desenvolvimento rural sustentável. Segundo o mesmo autor, são nestas unidades geográficas e socioculturais que ocorrem os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações sócio-econômicas. Suas pretensões e contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção agropecuária, incorporando dimensões mais amplas e complexas que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas.

Constata-se, que o enfoque da agroecologia perpassa várias áreas do conhecimento humano, utiliza-se da aplicação de conceitos e princípios destas ciências no redesenho dos agroecossistemas que se reconfiguram através de novas formas de manejo e indivíduos em processo de renovação e desejosos que seus agroecossistemas sejam mais sustentáveis ao longo do tempo, pois deles dependem a garantia de sua vida e a dos seus descendentes.

Assim, a agroecologia surge como perspectivas e alternativas de desenvolvimento do território, nos mais diferenciados espaços, nos modelos produtivos e, principalmente nas organizações e movimentos sociais, estando cada vez mais, próximo da comunidade e município buscando responder as demandas conforme as condições endógenas específicas, mediando, processando e buscando responde aos impactos externos.

Na concepção do teórico Buarque (2008) o desenvolvimento comunitário é uma forma particular de desenvolvimento local delimitado pelo espaço da comunidade vinculada a projetos locais; normalmente não tem estrutura político-administrativa e institucional (como a municipalidade), mas tende a apresentar uma grande homogeneidade social e econômica e capacidade de organização e participação comunitária, funcionando como núcleo catalisador de iniciativas e base para o desenvolvimento local.

Enquanto prática social de conhecimento, a agroecologia estabelece um diálogo com a realidade, com ações capazes de dar sustentação homem-natureza, ao propor uma vida mais saudável para o meio ambiente, através de um modelo de produção em que a natureza direcione os caminhos do equilíbrio e da harmonia ambiental. Como um conhecimento capaz de se contrapor a inércia epistemológica da ciência moderna, esse conhecimento que se apresenta como paradigma hegemônico que configura uma

ordenação à luz de um modelo global como processo acelerado de internalização do capital com conotações muito particulares que resultam da intensidade da revolução tecnológica e científica em uma velocidade e ritmo acelerados e inusitados, que intensificam as disputas competitivas e o redesenho da economia mundial da racionalidade econômica e científica.

A agroecologia contrapõe-se a estes determinismos que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento, apropriando-se dos recursos naturais e promovendo a degradação ambiental, desvalorização da diversidade cultural, que ofuscou durante muitas décadas uma compreensão da inter-relação entre cultura e meio ambiente inerente ao processo da co-evolução social e ecológica desenvolvida nos agroecossistemas.

Desse modo, verifica-se uma tendência cada vez maior do consumo dos alimentos orgânicos produzidos em sistemas agroecológicos, ocupando um nicho de mercado, em consonância com a busca por uma alimentação cada vez mais saudável e segura, bem como pela preocupação sobre o impacto da atividade produtiva sobre o meio ambiente. O consumo de alimentos agroecológicos vem assumindo novas dimensões, no entanto, persistem dificuldades em se dimensionar o tamanho e a evolução do mercado destes produtos, o que demanda estudos sistemáticos para conhecer melhor o seu consumidor, centro e elo para as estratégias de ampliação e diversificação da produção.

No que concerne as relações de trocas de produtos as feiras agroecológicas tem sido os espaços que concentra um maior número de produtores, observa-se nesse *lócus* a inclusão de outras atividades. Esta constatação pode ser percebida na perspectiva acadêmica como sendo *multifuncionalidade*, *pluriatividade*, *multidimensionalidade*, etc.. Uma observação sistemática na dinâmica destas feiras nos diz ainda, que uma forte carga de subjetividade atua como fator de coesão, contribuindo fortemente na formação de uma identidade comum entre aqueles que as freqüentam.

Assim, para analisar a experiência de agroecologia tendo como particularidade o consumo, tomam-se como estratégias de pesquisa das feiras agroecológicas no Agreste da Borborema, examinando que na década de oitenta, surge uma articulação dos pequenos produtores resultante de uma atuação significativa de instituições como PATAAC (Programa de Aplicação de tecnologias Apropriadas às Comunidades) voltadas para a viabilidade da agricultura familiar, buscando incentivar experimentos de tecnologias apropriadas para a sustentabilidade da agricultura. No início da década de 90, se destaca a atuação do Sindicato os Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca-PB, que se organiza

objetivando superar as dificuldades vivenciadas pelos pequenos produtores rurais na região, resultante do modelo de agricultura convencional.

Desse modo, com a ampliação do debate entre as entidades representativas dos produtores da região Agreste da Borborema surge o Pólo Sindical da Borborema estabelecendo uma aproximação com várias ONGs, AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa) e redes como a ASA-PB (Articulação do Semi-Árido Paraibano). Portanto, a proposta agroecológica na Paraíba, e em especial no Agreste, surge em meio a uma forte articulação, envolvendo pequenos produtores rurais, entidades sindicais e suas associações de base, em parcerias assim como entidades não-governamentais, constituindo um cenário propício para a promoção das potencialidades da agricultura familiar da região, assim como, a região apresenta características geográficas importantes para o desenvolvimento da atividade agrícola.

Neste cenário, a concepção agroecológica surge como ação política de negação a um modelo de produção convencional que demanda mais custo e degrada o meio ambiente, especificamente pelo uso indiscriminado dos agrotóxicos. Estimulando dessa maneira a busca pela experiência de se construir um processo e produção de insumos local e estabelecer novos canais de comercialização economicamente mais viável (feiras agroecológicas, merenda escolar etc.).

Assim, o campo escolhido para o estudo, foi às experiências de certificação participativa desenvolvidas por agricultores nas feiras agroecológicas do município de Lagoa Seca/PB e Campina Grande coordenadas pelo Sindicato dos Trabalhadores rurais e por uma ampla rede de suporte de associações de base. Desse modo, o estudo analisa em primeiro lugar a organização dos produtores rurais dentro de uma abordagem dos movimentos sociais, que se situam na necessidade de exercer uma ação política que incorpora, de várias formas, preocupações e valores em defesa das condições sociais como também ambientais.

Nesse sentido, a “ambientalização e politização” do consumo se considerado como uma possibilidade de emancipação dos sujeitos envolvidos no processo, fortalecendo o interesse e a participação individual na esfera pública, estas práticas poder ser compreendidas como parte de uma nova cultura de participação política (PORTILHO, 2008).

A nova consciência alimentar também é abordada a partir da politização das práticas de consumo. Segundo Portilho (2005), a partir dos anos 90 a crise ambiental foi redefinida pelo deslocamento dos problemas relacionados à produção para os relacionados ao

consumo. O estilo de vida ostentatório, antes enfatizado pela iniquidade de classe, agora passa a significar uma iniquidade inter-geracional. Expressões como “consumo verde” e “consumo sustentável” tornam-se constantes para caracterizar a esfera de consumo como uma nova possibilidade de ação política. Pontuando que “o nível e o estilo de consumo se tornaram a principal fonte de identidade cultural e de participação na vida coletiva, além de caminhos privilegiados para a análise e compreensão das sociedades contemporâneas”. (PORTILHO, 2008, p. 27).

Portanto fica evidente, que as feiras agroecológicas são emblemas, para que possamos vislumbrar a agroecologia como um modelo alternativo de desenvolvimento rural – capaz de enfrentar os desafios e problemas econômicos, sociais e ambientais contemporâneos. Levando à formulação de novas concepções de desenvolvimento humano e local, entre os quais se destaca a proposta de desenvolvimento sustentável, como um instrumento relevante na busca da sustentabilidade socioambiental e econômica a ser implementada em áreas de pequena produção.

4. Procedimentos Metodológicos

O caminho metodológico se refere ao percurso trilhado para que o pesquisador atinja os objetivos propostos, através da utilização de instrumentos que toda investigação científica demanda, no processo de operacionalização e na produção do novo conhecimento científico, além da interlocução mais sistemática no contexto acadêmico-científico com um processo contínuo e intrinsecamente inacabado. A abordagem metodológica indica um processo de construção para compreender a realidade social, evidenciando a postura epistemológica do pesquisador, ou seja, pistas de como está concebendo a relação sujeito-objeto do conhecimento.

Desse modo, é essencial o estabelecimento tanto da definição como do arcabouço teórico, além do contato direto com o mundo empírico para a observação e constatação do fenômeno, sendo, portanto, este tipo de trabalho que fecunda a inteligência e alimenta as teorias. Por outro lado, é preciso buscar produzir suas próprias “teorias em ato”, como enfatiza Bourdieu (1989) porque a pesquisa é justamente isso, um ato criador no sentido de permitir o acesso à produção do saber.

Assim, é relevante destacar os aspectos relacionados à utilização do referencial teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica e da pesquisa empírica com procedimentos específicos da investigação científica, com clareza e objetividade a fim de que a mesma alcance os objetivos, a saber: facilitar e orientar os caminhos necessários para execução adequada da coleta e como resultado o tratamento e análise dos dados. De um modo

geral, esses caminhos incluem a escolha da taxonomia da pesquisa, em conformidade com o problema da pesquisa e os objetivos propostos; as escolhas das técnicas de coleta de dados na procura das fontes (primárias e secundárias) e a escolha dos métodos de tratamento análise dos dados, no intuito de se obter resultados e conclusões válidas para a pesquisa.

Assim, o ato de pesquisar e a vontade de *aprender a aprender* demanda motivação, afinidades teóricas mais especificamente métodos de trabalho e prática de investigação que se retroalimentam mediante o trabalho sistemático e cotidiano dos pesquisadores. Paraphrasing Simone de Beauvoir, dissemos que *não se nasce pesquisador; torna-se pesquisador*, por meio da procura de respostas sobre um fenômeno em uma dada realidade social.

4.1 Método e Técnica de Pesquisa

Partindo do desejo de conhecer o fenômeno do consumo dos produtos agroecológicos, dada as suas especificidades, a localização, a avaliação e síntese de dados e informações em determinado período, além do caráter do problema de pesquisa formulado e o objetivo do estudo que busca analisar a representação social dos consumidores e feirantes/consumidores das feiras agroecológicas de Lagoa Seca e Campina Grande-PB, para entender a lógica do consumidor na escolha dos produtos e o entendimento do que significa consumir produtos sem agrotóxicos, contribuindo para práticas de consumo sustentável, privilegiou-se a pesquisa *estudo de caso* quanto aos procedimentos de coleta de dados, visto que este tipo de pesquisa, segundo Lakatos; Marconi (1998, p.27), contempla um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para a análise do fenômeno. O *estudo de caso* ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para a sua possível modificação.

Quanto aos objetivos da pesquisa que significa indagar sobre suas metas, suas finalidades e sobre o tipo de resultado esperado, considerando como critério o objetivo a ser alcançado, optou-se por dois tipos de pesquisa: *exploratória* e *descritiva*. Com abordagem qualitativa, cuja utilização adequada requer uma relação de proximidade e empatia entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, considerando que as ações sociais têm um significado para o sujeito que a realiza. A abordagem teórico-metodológica utilizada foi das representações sociais, buscando compreender a lógica e os significados dos consumidores e feirantes/consumidores das Feiras Agroecológicas de Lagoa Seca e Campina Grande-PB.

Vale ressaltar que os feirantes das feiras agroecológicas de Campina Grande são agricultores do Agreste da Borborema (Lagoa seca, Alagoa Nova, Areia, dentre outros), mas dentre esses Municípios destaca-se a produção de orgânicos de Lagoa Seca, já que a agricultura familiar é uma atividade muito presente, em consideração a outros sistemas agrários.

No primeiro momento da pesquisa os dados primários coletados para fins de discussão e análise foram levantados no segundo semestre de 2009 e início de 2010 (sendo esta ainda em andamento) através de visitas *as feiras agroecológicas* utilizando a observação participante, conversas informais, aplicação de questionários e entrevistas qualitativas semi-estruturada, com um público alvo composto por 60 consumidores e 40 consumidores/feirantes em duas feiras de produtos orgânicos em Campina Grande-PB e uma feira em Lagoa Seca-PB. O perfil dos entrevistados foi descrito por variáveis de gênero, idade, escolaridade, condições sócio-econômicas e o perfil do consumo pela frequência, tempo e produtos mais consumidos. A percepção dos indivíduos sobre alimentação saudável, alimentação orgânica, lógica, significados e motivos para o consumo foram acessadas e analisadas pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) deixando os sujeitos falarem livremente.

Os dados secundários foram coletados através de informações disponibilizadas em diversas instituições sociais, destacando a EMATER-PB, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, as ONG's como a AS-PTA, dentre outros. De acordo com dados da Comissão da Produção Orgânica na Paraíba, existem atualmente no Estado da Paraíba 26 feiras agroecológicas distribuídas pelos municípios do Estado, esses espaços de comercialização reúnem em torno de 450 feirantes para a comercialização de produtos agroecológicos.

Vale ressaltar, que a pesquisa buscou identificar os significados do consumo dos produtos agroecológicos tanto dos consumidores que frequentam as feiras sem nenhum engajamento em movimentos sociais, como os feirantes/consumidores que exercem uma ação política nos movimentos sociais do qual fazem parte com preocupações econômicas, sociais e ambientais. Situando-se entre “[...] as preocupações cotidianas e a vontade de exercer um papel político e a vontade de participar de uma esfera pública mais ampla (PORTILHO, 2008).

4.2 Contexto da Pesquisa

Na Paraíba a mesorregião de destaque na produção de orgânicos é o Agreste (figura 01), em especial a microrregião Brejo, no qual se destaca o município de Lagoa Seca, sendo a

agricultura familiar uma atividade de grande evidência em relação aos outros sistemas agrários.

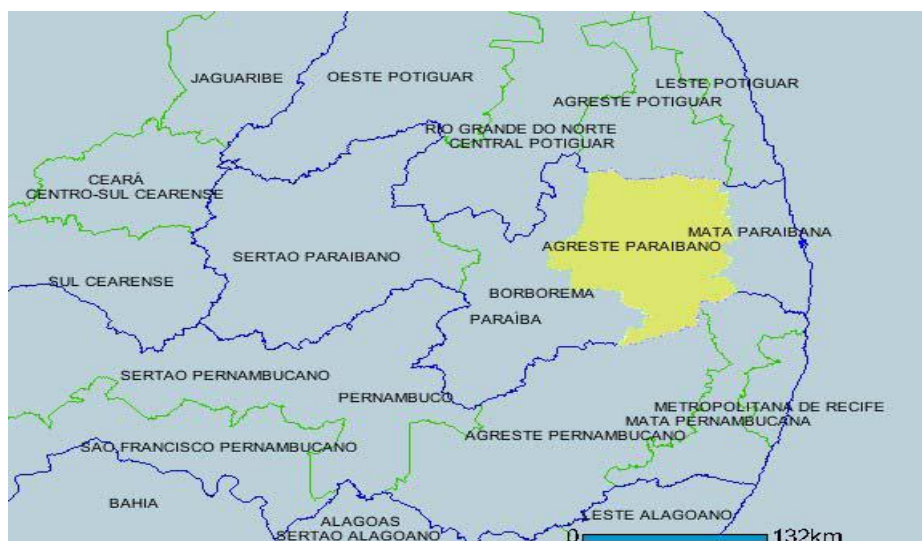


Figura 1. Divisão das Mesorregiões do Estado da Paraíba.
Fonte: Santos *apud* Neto(2010)

Os sistemas agrícolas familiares do Agreste paraibano são constituídos por uma policultura e por uma pequena pecuária, que se inserem nas redes locais de comercialização, através das quais atingem eventualmente mercados regionais mais distantes, como Recife e Natal.

A agricultura familiar no Estado é caracterizada, em geral, por produtores de baixo poder aquisitivo, sem acesso a crédito, sem reservas para investir. Sua renda familiar tem pouco impacto positivo para assegurar que ele e sua família acreditem, aceitem e continuem investindo no campo de produção. A produção orgânica de hortaliças proporciona um retorno mais rápido, contudo demanda maior quantidade de mão-de-obra, contribuindo sobremaneira a geração de empregos e valorização das atividades da cadeia produtiva na agricultura familiar.

As unidades de produção familiar orgânica no caso da Paraíba, são espaços produtivos menores do que 3 hectares, onde normalmente toda família trabalha, seja na produção, no beneficiamento ou na comercialização. Desde 1996, pequenas associações vêm realizando um esforço continuado no processo de organização e capacitação dos agricultores familiares orgânicos, principalmente na viabilização da comercialização através das feiras agroecológicas que acontecem semanalmente em vários municípios do Estado.

Dentre os Municípios do Brejo paraibano na produção de produtos orgânicos, para efeito desse estudo, destaca-se a cidade de Lagoa Seca, que conforme dados do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000), o município apresenta uma área total de 110 km² e limita-se ao norte com os municípios de São Sebastião de Lagoa de Roça e Matinhas; ao sul, com o município de Campina Grande; a leste, com o município de Massaranduba; e a oeste, com os municípios de Puxinanã e Montadas o que facilita o escoamento da produção.

O Município de Lagoa Seca se situa no Estado da Paraíba entre as coordenadas 27°17'09" de Latitude Sul, e 48°55'17" de Longitude Oeste. Sua distância a capital João Pessoa é de 126 km por rodovia. O principal centro urbano em sua proximidade é Campina Grande, distando 7 km pela rodovia BR 104. O município tem uma população de mais de 25 mil habitantes (estimativa do SIM BRASIL 2007), no qual 66,4% da população absoluta residem na zona rural, explicando a preponderância da atividade agrícola no município

Inicialmente os agricultores tinham consigo uma agricultura convencional considerada de baixo rendimento, caracterizada como agricultura de subsistência, obtendo um avanço significativo a partir da implementação de novas práticas de culturas no modo de produzir, especificamente as práticas agroecológicas. A agroecologia para os agricultores do município de Lagoa Seca cristaliza-se como uma fonte de inovação e conscientização para obter uma cultura menos agressiva na exploração das terras, através do uso de biofertilizantes ao invés de agrotóxicos, e práticas de manejo do solo.

Segundo Caaporal (2007) a agroecologia vem evoluindo no município como uma prática saudável e de manejo correto para saúde de quem a pratica, é uma alternativa correta e consciente, pois a agricultura praticada de forma inadequada pode provocar danos aos plantios, ou seja, seguir uma linha em que a planta e o solo caminham de forma igual, se for de forma desigual ocorrerá uma desarmonia nos ciclos naturais de produção. Para o teórico O manejo ecologicamente equilibrado dos agroecossistemas dependem das relações que norteiam o valor de uso da natureza; segundo, depende das relações sociais e políticas estabelecidas, sobretudo por revelarem as lógicas de percepção que o ser humano estabelece sobre si mesmo e sua relação com os demais.

O município de Lagoa Seca apresenta várias propriedades com práticas agroecológicas, os quais se destacam os Sítios Covão, Almeida, Pau Ferro, Oití. (figura 02).



Figura 02: Sítio Almeida
Fonte: Santos (2010)

A experiência de agricultura agroecológica nessa propriedade demonstra a viabilidade da implementação dessa atividade na área, considerando que toda terra é produtiva, passando por um processo de recomposição, pois a terra se encontrava sem cobertura vegetal e sem água. Através de ações específicas dos agricultores juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores foi possível reverter esse quadro de desolação, buscando reflorestar a área, na qual hoje cultiva plantas nativas em meio a frutas, hortaliças, plantas medicinais, criação de aves, peixes, etc. Foi construído também uma barragem subterrânea com uma linhagem agroecológica, visando economizar de água.

O escoamento da produção agroecológica dos produtos cultivados passa a ser feito em sua maioria diretamente para as feiras agroecológicas (figura 03), em Lagoa Seca na feira semanal do município e na cidade de Campina Grande (na pirâmide do parque do povo, na UFCG, no Catolé e no Museu do Algodão). Existindo dois tipos feiras: a do produtor organizadas pela EMATER e feiras agroecológicas (organizadas pelo Poló Sindical - ECOBORBOREMA). Evidenciando que a certificação não aparece como uma dimensão determinante, pois existe uma relação de confiança no contato face-a-face do produtor-consumidor.



Figura 03: Feiras Agroecológicas.
Fonte: Santos (2010)

Segundo Santos (2010), as feiras geram uma acessão econômica para as famílias, também se caracteriza como espaço de interação entre consumidores/produtores, já que participam diversos produtores do Agreste e Brejo paraibano, além de oferecer produtos mais “saudáveis” aos consumidores. Um espaço no qual os sujeitos compartilham experiências e vivências, significando a construção e o fortalecimento de relações de sociabilidade, convivência, pertencimento, estilos de vida e sonhos.

5. Apresentação e Análise dos Resultados

A partir da análise dos dados constatou-se que a práticas de consumo dos produtos agroecológicos na lógica dos consumidores e dos feirantes/consumidores não se limita a comprar para desfrutar do produto, mais estão atreladas a um processo que associa significados sociais, ambientais e nutricionais. O comprador ao consumir o produto sem o agrotóxico gera impacto positivo para o meio ambiente, portanto ele se faz sujeito social politizado sobre a problemática ambiental contribuindo para a sustentabilidade, como também nutricional diminuindo os riscos de adquirir algumas doenças resultantes do uso dos agrotóxicos.

Na representação social dos sujeitos consumidores, o consumo dos produtos agroecológicos está associado a práticas de *consumo sustentável*, sendo a alimentação adotada como um estilo de vida. A escolha pelo um produto significa a fonte de saúde, através de uma alimentação saudável, com o consumo de frutas, hortaliças e grãos com uma dieta considerada "equilibrada". A lógica do consumidor é que os alimentos orgânicos são livres de agrotóxicos, e apresentam melhores características sensoriais e produz bem estar. Constatamos ainda que os consumidores incorporam de diferentes formas preocupações e valores com as práticas de consumo, como também com o meio ambiente

Para os produtores familiares as feiras significam a busca pela autonomia econômica com um resultado financeiro significativo, garantindo a reprodução social e econômica da família na venda direta ao consumidor. Aumentando seu do poder de barganha, através da valorização da força de trabalho e da produção eliminando a figura do “atravessador. Contudo, estes fatores não estão sendo suficientes para garantir a competitividade dos produtos frente aos grandes mercados, demandando desse modo, maior apoio de uma política pública, no sentido de uma efetiva atuação do Estado na regulamentação e normatização. Assim como, uma diversidade de políticas públicas, tanto nacionais como

locais, para disciplinar e estimular novas práticas de consumo, para que esta forma de comercialização não permaneça como um nicho de mercado restrito.

As feiras também se caracterizam como um espaço de sociabilidade, de encontros e reuniões e divulgação de eventos, oferecendo várias possibilidades sociais, nutricionais e ambientais para agricultores e consumidores. Os produtores vêm a feira espaço para exercer um fazer político e social levando os sujeitos a participar e adotar novas práticas de consumo através de produtos agroecológicos. Significa ainda uma contribuição para a nova dinâmica e centralidade política nos debates do movimento social com a inclusão da temática consumo e o fortalecimento do movimento de articulação.

Nas feiras agroecológicas se processa um elo de grande significância que é a aproximação entre os agricultores e consumidores, garantindo a certificação dos produtos, pois a presença do produtor é o suficiente para atestar a qualidade do produto, já que o feirante é o próprio produto rural ou um membro da família para se inserir nesse espaço deve conhecer bem seu estatuto, aceitando o compromisso e a responsabilidade ética em não produzir utilizando o agrotóxico.

Os resultados apontam para necessidade de se incentivar uma produção mais diversificada e com periodicidade na oferta, além de estratégias de marketing que estimulem demanda-oferta e assim, ampliem o acesso aos produtos orgânicos para uma parcela maior da população, já que o seu consumo está associado, na representação dos sujeitos, à promoção da saúde e a práticas alimentares saudáveis. Além dos pontos anteriormente analisados foi possível destacar algumas necessidades a serem implementadas na comercialização dos produtos agroecológicos: cuidados com as embalagens; higienização, disposição, implantação de rótulos com informações gerais e maior divulgação. Algumas tendências de mercado também puderam ser observadas: crescente demanda por produtos mais naturais; agregação de valor, ausência de intermediários.

6. Considerações Finais

A partir do cenário circunscrito, finalizamos nossas reflexões propedêuticas enfatizando que a articulação e organização dos movimentos sociais na área estudada cristalizam um compromisso e responsabilidade com os problemas sociais e ambientais ao construir uma nova cultura de ação política. Os movimentos sociais se empenham em conquistar melhorias sociais e ambientais pela adoção de novos valores na perspectiva do consumo, contribuindo para a nova dinâmica e centralidade política do consumo.

Nesse sentido, fica evidente que a agroecologia é uma das alternativas que viabiliza para existência de ações e práticas que corroborem para o desenvolvimento rural sustentável, sendo a agroecologia uma construção coletiva cujos princípios estão voltados para uma transformação do processo produtivo, da valorização do saber, da inserção social dos agricultores, bem como uma ascensão do poder aquisitivo dos produtores.

Portanto, as feiras agroecológicas e as práticas de consumo podem ser compreendidas como uma nova cultura de ação política considerando essas práticas como possibilidade de emancipação e inserção social do sujeito, fortalecendo o interesse e a participação individual na esfera privada (PORTILHO, 2008), contribuindo para diminuir a problemática social e ambiental ao produzir e adotar práticas de “consumo sustentável” através dos produtos agroecológicos.

7. Referências Bibliográficas

BARBOSA, L. **Feijão com arroz e arroz com feijão**: Brasil no prato dos brasileiros. Revista horizonte antropológico, Porto Alegre, V.13,n.28,2007.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. 4.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand/Difel, 1989.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro:UFRJ,1996.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis**. Brasília - DF: MDA/SAF/DATER, 2007.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**: perspectivas para uma nova extensão rural. In: **Desenvolvimento rural: potencialidades em questão**. Virgínia Elisabete (org.). Santa Cruz do Sul, SC: EDUSC, 2001.

_____. **Agroecologia**: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet D, (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1998.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____ (Org). **Pesquisa social, teoria método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PORTILHO, F. ; CASTANEDA, M. **Certificação e confiança face-a-face na feira de produtos orgânicos**. IV Encontro Nacional da ANPPAS, Brasília, 2008.

PORTILHO, F. **Consumidores de alimentos orgânicos: discurso, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental**. Anais 26 Reunião de Agroecologia, Porto Seguro/BA, 2005.

SANTOS, J.G. **A SUSTENTABILIDADE DA AGRICULTURA ORGÂNICA FAMILIAR DOS PRODUTORES VINCULADOS A ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E COMUNITÁRIO (ADESC) DE LAGOA SECA – PB**. 2010 98f. Monografia de Conclusão de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2010.

SINGER, P. **A ética da alimentação: como nossos hábitos alimentares influenciam o meio ambiente e o nosso bem-estar**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.